



Percepções docentes sobre o uso da inteligência artificial no contexto educacional: potencialidades, limites e desafios éticos

Teachers' perceptions of the use of artificial intelligence in the educational context: potentialities, limitations, and ethical challenges

**Renato dos Santos da Costa¹ Marco Aurélio Carino Bouzada² Rodrigo Malheiro de Araujo³
Caroline Pereira do Nascimento da Costa⁴**

Submetido: 18/06/2026 Aprovado: 20 /07/2026 Publicação: 13/08/2026

RESUMO

Objetivo: analisar as percepções de docentes de um Instituto Federal sobre o uso da Inteligência Artificial na educação.

Método: realizou-se pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, com seis docentes de um campus de um Instituto Federal do estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados por entrevistas semiestruturadas, transcritos e analisados por análise de conteúdo temática, com apoio do ATLAS.ti. **Resultados:** foram identificadas 238 citações, organizadas em seis categorias analíticas. Os achados revelam percepções ambivalentes: a IA é reconhecida como recurso para apoiar o planejamento docente, ampliar a produtividade, personalizar aprendizagens e favorecer novas práticas pedagógicas, mas também suscita preocupações quanto ao uso acrítico, plágio, dependência tecnológica, fragilização da autoria, confiabilidade das informações e ausência de diretrizes institucionais. **Conclusão:** o potencial pedagógico da IA depende da mediação docente, da formação crítica e de condições éticas e institucionais para seu uso responsável.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Educação; Percepções Docentes; Mediação Pedagógica.

ABSTRACT

Objective: To analyze the perceptions of faculty members at a Federal Institute regarding the use of Artificial Intelligence in education. **Method:** A qualitative, exploratory, and descriptive study was conducted with six faculty members from a campus of a Federal Institute in the state of Rio de Janeiro. Data were collected through semi-structured interviews, transcribed, and analyzed using thematic content analysis with the support of ATLAS.ti. **Results:** A total of 238 quotations were identified and organized into six analytical categories. The findings reveal ambivalent perceptions: AI is recognized as a resource that can support teaching planning, increase productivity, personalize learning, and foster new pedagogical practices. However, it also raises concerns regarding uncritical use, plagiarism, technological dependence, weakened authorship, information reliability, and the absence of institutional guidelines. **Conclusion:** The pedagogical potential of AI depends on teacher mediation, critical training, and ethical and institutional conditions that ensure its responsible use.

Keywords: Artificial Intelligence; Education; Faculty Perceptions; Pedagogical Mediation.

¹ Doutorando em Administração do PPGA da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), RJ, Brasil. Professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), RJ, Brasil. ✉ renato.costa@ifrj.edu.br.

² Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do PPGA da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), RJ, Brasil.. ✉ marco.bouzada@unigranrio.edu.br.

³ Mestrando em Administração do PPGA da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), RJ, Brasil. ✉ rodrigomalheiroadm@gmail.com.

⁴ Mestre em Administração pelo PPGA da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), RJ, Brasil. ✉ carolinepereira0706@gmail.com.

1. Introdução

A crescente inserção das tecnologias digitais e da inteligência artificial no campo educacional tem intensificado discussões sobre seus efeitos, possibilidades e limites no processo de ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo em que essas tecnologias ampliam o acesso à informação, favorecem a automação de tarefas e oferecem novas possibilidades de apoio pedagógico, também suscitam questionamentos relacionados à formação docente, ao uso ético dos recursos digitais e às repercussões de sua adoção sobre a aprendizagem dos estudantes.

No contexto educacional brasileiro, essa discussão adquire especial relevância em razão das assimetrias que ainda marcam a apropriação das tecnologias no ambiente acadêmico. Dados apresentados no 14º Mapa do Ensino Superior no Brasil (SEMESP, 2024) indicam que parte dos docentes manifesta resistência, dúvida ou ausência de posicionamento definido quanto ao uso da tecnologia e da inteligência artificial como ferramenta de ensino, evidenciando que sua incorporação ao cotidiano educacional não ocorre de forma homogênea nem isenta de tensões.

Essa ambivalência não pode ser compreendida apenas como expressão de preferência individual ou maior ou menor abertura à inovação. Em muitos casos, ela reflete condições mais amplas, como limitações institucionais, lacunas na formação para o uso pedagógico das tecnologias, insuficiências de infraestrutura e dificuldades relacionadas ao letramento digital. Nesse cenário, o professor ocupa posição central, pois sua atuação envolve não apenas o domínio técnico de ferramentas, mas também a mediação crítica de seus usos, sentidos e implicações no processo educativo.

Embora a literatura destaque o potencial da inteligência artificial para apoiar práticas educacionais, personalizar experiências de aprendizagem e otimizar determinadas atividades, tais possibilidades não eliminam os desafios que acompanham sua difusão. Ao contrário, reforçam a necessidade de compreender como os docentes percebem essa tecnologia, quais benefícios e riscos identificam em sua utilização e de que maneira tais percepções influenciam sua inserção nas práticas pedagógicas.

Diante desse contexto, o estudo foi orientado pela seguinte questão norteadora: **como os docentes de um Instituto Federal percebem o uso da Inteligência Artificial na educação?**

Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar essas percepções, com ênfase nas potencialidades atribuídas à IA, nos desafios de sua adoção, nas implicações éticas envolvidas e nos impactos percebidos no processo de ensino-aprendizagem.

2. Referencial Teórico

A incorporação de tecnologias digitais e da inteligência artificial ao campo educacional tem suscitado debates relevantes, tanto em relação às suas potencialidades quanto aos desafios associados à sua adoção. Nesse contexto, um capítulo especial do 14º Mapa do Ensino Superior no Brasil apresenta dados de uma pesquisa conduzida pelo Instituto Semesp, realizada entre 18 e 31 de março de 2024, com 444

docentes de instituições públicas, municipais, estaduais, federais e privadas de diferentes regiões do país. Os resultados evidenciam que 25,3% dos professores entrevistados discordam ou não possuem opinião formada acerca do uso da tecnologia e da inteligência artificial como ferramenta de ensino (SEMESP, 2024).

Esse dado sugere que a incorporação dessas tecnologias ao ambiente educacional ainda é atravessada por dúvidas, resistências e percepções ambivalentes. A esse respeito, Kane (2020, p. 183) assinala que o termo *ludita* é empregado para caracterizar indivíduos que manifestam resistência às tecnologias, especialmente às inovações tecnológicas, por se mostrarem mais satisfeitos com a preservação da situação vigente. Segundo o autor, a expressão assume caráter ambíguo, podendo ser compreendida tanto como sinal de inaptidão diante das transformações tecnológicas quanto como uma espécie de distinção associada a uma postura crítica de recusa a tais mudanças.

No entanto, a resistência ao uso de tecnologias na educação não pode ser interpretada exclusivamente como rejeição individual à inovação. Em muitos casos, ela decorre de fatores estruturais e formativos que limitam a apropriação crítica e pedagógica dos recursos digitais. Niskier (2024, p. 35) argumenta que a formação docente no Brasil ainda apresenta fragilidades significativas, as quais repercutem negativamente na qualidade da educação básica. De acordo com o autor, aspectos como as condições estruturais oferecidas e a ausência de acompanhamento ao longo da trajetória profissional dos professores constituem questões que precisam ser revistas.

Em complemento, Niskier (2024, p. 42) observa que muitos ambientes escolares não acompanharam as transformações tecnológicas recentes e, por essa razão, permanecem desconectados da realidade digital contemporânea, o que dificulta o engajamento de estudantes e professores no processo educacional. De modo convergente, Kenski (2007, p. 59) assinala que muitas escolas não dispõem de recursos financeiros suficientes para assegurar a manutenção e a atualização contínuas de programas, bem como para promover a capacitação permanente das equipes pedagógica e administrativa. A autora destaca, ainda, que a insuficiência de investimentos nesses aspectos compromete o uso adequado das tecnologias educacionais, uma vez que a ausência de conhecimento sobre os conteúdos digitais e suas especificidades pode resultar na adoção de materiais e estratégias que não atendem às necessidades de aprendizagem dos alunos. Como consequência, o desinteresse e a insatisfação dos estudantes acabam, por vezes, sendo indevidamente atribuídos à tecnologia em si, e não às limitações de seu uso pedagógico (Kenski, 2007; Niskier, 2024).

Apesar desses entraves, a literatura também aponta que a inteligência artificial pode trazer contribuições relevantes para a educação. Conforme Pscheidt (2024, p. 16), essa tecnologia possibilita a automação de tarefas administrativas, como a correção de trabalhos de casa, a avaliação de redações e a manutenção de registros de frequência, tornando tais processos mais eficientes e permitindo que os professores concentrem maior atenção nas atividades de ensino. Além disso, a inteligência artificial favorece a personalização da aprendizagem, ao viabilizar experiências educacionais mais ajustadas às necessidades individuais dos estudantes. Nessa perspectiva, “a inteligência artificial pode ser uma ferramenta poderosa

para a educação, mas é importante utilizá-la de forma ética, responsável e complementar à atuação dos professores” (Vicari, 2023, p. 144)

Essa discussão também encontra respaldo em evidências empíricas de contexto internacional. Pesquisa realizada pela Forbes Advisor, em outubro de 2023, com 500 professores dos Estados Unidos, revelou que 60% dos docentes já utilizavam ferramentas baseadas em inteligência artificial em sala de aula. Embora 55% dos participantes tenham avaliado que o uso da IA produziu impacto positivo no processo de ensino-aprendizagem, persistem preocupações relevantes, especialmente em relação ao risco de plágio e à redução da interação humana nos ambientes educacionais. Além disso, os dados evidenciaram amplo consenso quanto à necessidade de formação, uma vez que 98% dos professores entrevistados reconheceram a importância de receber capacitação sobre o uso ético da inteligência artificial (Hamilton, 2023)

3. Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, considerando a natureza interpretativa do fenômeno investigado, que envolve a compreensão das percepções docentes acerca do uso da Inteligência Artificial no contexto educacional. A pesquisa qualitativa mostra-se adequada para a análise de fenômenos sociais complexos, possibilitando a interpretação de significados, experiências e práticas dos sujeitos, sendo amplamente utilizada nas ciências sociais aplicadas (Bauer; Gaskell, 2013)

No que se refere aos objetivos, trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, pois busca compreender como os docentes percebem e utilizam a Inteligência Artificial em suas práticas pedagógicas, bem como identificar possíveis impactos no processo de ensino-aprendizagem.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas online semiestruturadas, conduzidas com docentes de um *campus* de um Instituto Federal do Estado do Rio de Janeiro. A entrevista foi caracterizada como semiestruturada por se basear em um roteiro previamente elaborado, alinhado aos objetivos da pesquisa, sem restringir a livre manifestação dos participantes. Durante a condução das entrevistas, foi possível aprofundar respostas, reformular questões e explorar temas emergentes, preservando, ao mesmo tempo, a comparabilidade entre os depoimentos e a riqueza do material discursivo (Bauer; Gaskell, 2013)

Participaram da pesquisa seis docentes, selecionados por conveniência, considerando a acessibilidade e a disponibilidade para participar do estudo, todos vinculados ao mesmo *campus*. Com o objetivo de apresentar de forma sintética o perfil dos participantes, o Quadro 1 descreve a distribuição dos docentes entrevistados segundo código de identificação, gênero e área de atuação. Para assegurar o anonimato e a confidencialidade das informações, os participantes foram identificados no estudo por códigos alfanuméricos, de P1 a P6.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

Participante	Gênero	Área de atuação
P1	Feminino	Ciências Humanas
P2	Masculino	Ciências Exatas
P3	Masculino	Ciências Humanas
P4	Feminino	Ciências Humanas
P5	Feminino	Ciências Exatas
P6	Masculino	Ciências Exatas

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

O grupo foi composto por três docentes vinculados às áreas de Ciências Humanas e três às áreas de Ciências Exatas. Em relação ao gênero, participaram três mulheres e três homens. Quanto à titulação acadêmica, cinco participantes possuíam doutorado e um possuía mestrado.

As entrevistas foram integralmente gravadas, mediante consentimento dos participantes, e posteriormente transcritas, constituindo o corpus da pesquisa. A transcrição permitiu a preservação da integralidade das falas, favorecendo uma análise aprofundada e fiel ao material empírico.

Para a análise dos dados, foi empregada a técnica de análise de conteúdo de natureza temática, conforme proposta por Bardin (2016). A análise seguiu as etapas clássicas descritas pela autora, compreendendo a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, com posterior interpretação. O processo analítico foi conduzido por meio de codificação temática de orientação predominantemente dedutiva, com ajustes interpretativos a partir do material empírico.

Assim, as categorias iniciais foram definidas com base no referencial teórico e nos objetivos da pesquisa, sendo posteriormente refinadas durante a leitura, codificação e interpretação das entrevistas.

O Quadro 2 apresenta as categorias de codificação utilizadas na análise das entrevistas. Essas categorias foram organizadas a partir do referencial teórico, dos objetivos do estudo e dos sentidos recorrentes identificados nas falas dos participantes, permitindo sistematizar as percepções docentes sobre o uso da Inteligência Artificial no contexto educacional.

Quadro 2 – Categorias de Codificação

Categorias de Codificação	Descrição da Categoria
Falas Preditivas Marcantes	Agrupa trechos das entrevistas em que os docentes projetam cenários futuros, antecipam tendências ou expressam percepções prospectivas sobre os impactos da Inteligência Artificial na educação. Inclui falas que indicam expectativas, alertas, previsões, possibilidades de transformação da prática docente, mudanças no perfil dos estudantes, alterações no processo de ensino-aprendizagem e reflexões sobre o futuro da escola diante da expansão da IA.
IA, Prática Pedagógica e Mediação Docente	Reúne as falas relacionadas ao modo como a Inteligência Artificial interfere, apoia ou reorganiza a prática pedagógica docente. Inclui percepções sobre planejamento de aulas, elaboração de atividades, avaliação, mediação da aprendizagem, orientação dos estudantes e possíveis mudanças no papel do professor diante do uso de ferramentas de IA no contexto educacional.

Categorias de Codificação	Descrição da Categoria
Percepções Docentes Sobre Potencialidades e Limites da IA	Abrange as manifestações dos docentes acerca dos benefícios, oportunidades, riscos e restrições associados ao uso da Inteligência Artificial na educação. Contempla falas sobre ganhos de produtividade, personalização da aprendizagem, apoio à pesquisa e à produção textual, bem como preocupações com dependência tecnológica, superficialidade do aprendizado, confiabilidade das respostas, plágio, autoria e uso inadequado das ferramentas.
Questões Éticas e Condições de Implementação	Reúne falas sobre os dilemas éticos e as condições institucionais necessárias à adoção da Inteligência Artificial na educação. Abrange questões como plágio, autoria, confiabilidade das informações, uso de dados, vieses, direitos autorais e responsabilidade no uso da IA, além de aspectos como infraestrutura, formação docente, diretrizes institucionais e orientação dos estudantes para o uso crítico e responsável da tecnologia.
Trajetórias de Familiaridade Tecnológica dos Docentes	Compreende os relatos sobre o percurso dos docentes em relação ao contato, apropriação e uso de tecnologias digitais, especialmente ferramentas de Inteligência Artificial. Inclui experiências prévias, níveis de domínio tecnológico, formas de aprendizagem, resistências, inseguranças, curiosidade, capacitações realizadas e diferenças geracionais ou profissionais que influenciam a adoção da IA.
Uso da IA pelos Estudantes e Impactos na Aprendizagem	Agrupa as falas que tratam da forma como os estudantes utilizam ferramentas de Inteligência Artificial e dos efeitos percebidos desse uso no processo de aprendizagem. Inclui aspectos como facilitação de tarefas, busca por respostas prontas, desenvolvimento ou redução da autonomia, impactos na escrita, no raciocínio crítico, na criatividade, no estudo, na autoria acadêmica e na relação dos estudantes com o conhecimento.

Fonte: Elaborado pelos autores

A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada com apoio do software ATLAS.ti, a partir de categorias orientadas pelo referencial teórico e pelos objetivos do estudo, posteriormente refinadas à luz do material empírico. Ao todo, foram identificadas 238 citações codificadas, distribuídas entre os participantes e os códigos analíticos estabelecidos.

Por fim, os dados foram interpretados à luz do referencial teórico adotado, buscando identificar padrões, convergências e divergências nas falas dos participantes, de modo a construir inferências que contribuam para a compreensão do fenômeno investigado.

No que se refere aos aspectos éticos, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, sendo garantidos o anonimato, a confidencialidade das informações e a utilização dos dados exclusivamente para fins acadêmicos.

4. Resultados e Discussão

A análise de conteúdo temática das entrevistas foi realizada com apoio do software ATLAS.ti, a partir de categorias orientadas pelo referencial teórico e pelos objetivos do estudo, posteriormente refinadas à luz do material empírico. Ao todo, foram identificadas 238 citações codificadas, distribuídas entre seis categorias analíticas, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1 – Tabela Código x Documento

	P1	P2	P3	P4	P5	P6	Totais
○ Falas Preditivas Marcantes	0	2	0	0	3	4	9
○ IA, Prática Pedagógica e Mediação Docente	16	16	4	8	10	6	60
○ Percepções Docentes Sobre Potencialidades e Limites da IA	13	16	7	1	13	13	73
○ Questões Éticas e Condições de Implementação	11	5	4	10	2	6	38
○ Trajetórias de Familiaridade Tecnológica dos Docentes	4	3	6	1	2	0	16
○ Uso da IA pelos Estudantes e Impactos na Aprendizagem	8	8	2	9	10	5	42
Totais	52	50	23	39	40	34	238

Fonte: elaborado pelos autores.

Ressalta-se que a frequência das citações não possui finalidade estatística, sendo utilizada apenas como recurso auxiliar para identificar recorrências, convergências e contrastes nas falas dos participantes. A categoria com maior incidência foi Percepções Docentes sobre Potencialidades e Limites da IA, com 73 citações, seguida de IA, Prática Pedagógica e Mediação Docente, com 60 citações, e Uso da IA pelos Estudantes e Impactos na Aprendizagem, com 42 citações. Esses dados indicam que as entrevistas se concentraram, sobretudo, nas possibilidades, limites e usos pedagógicos da Inteligência Artificial no contexto educacional.

4.1. Percepções docentes sobre potencialidades e limites da IA

A categoria Percepções Docentes sobre Potencialidades e Limites da IA reuniu 73 citações e foi organizada em duas subcategorias: Percepções Favoráveis sobre a IA, com 32 ocorrências, e Percepções Desfavoráveis ou Riscos da IA, com 41 ocorrências. Todos os participantes apresentaram falas associadas às duas subcategorias, evidenciando que a percepção docente sobre a IA não se estrutura em termos de aceitação irrestrita ou rejeição absoluta, mas de forma ambivalente.

Entre as potencialidades identificadas, destaca-se a compreensão da IA como ferramenta capaz de ampliar o acesso ao conhecimento e apoiar processos de aprendizagem personalizados. Essa percepção aparece na fala de P2, ao afirmar que:

A inteligência artificial ajuda a nivelar as condições que as pessoas têm. Então, com um computador ou com um celular muito simples, esteja no Brasil, esteja no continente africano, esteja no hemisfério norte, no sul, em qualquer país das Américas, em qualquer país da América, em qualquer lugar do mundo que você estiver, mesmo que você tenha uma conexão com a internet muito fraca, você tem auxílio, você tem ali um tutor personalizado que pode te ajudar a tirar suas dúvidas.(P2).

A fala indica que a IA é percebida como recurso capaz de reduzir barreiras de acesso ao conhecimento, funcionando como apoio complementar ao estudo. Essa percepção aproxima-se das discussões teóricas que apontam a personalização da aprendizagem e o suporte individualizado como possibilidades associadas ao uso educacional da IA.

Também foi identificada a percepção da IA como instrumento de apoio à produtividade docente, especialmente na realização de tarefas operacionais. P4 observa que:

É, eu acho que o professor, ele tem um lado do trabalho que é autoral, criativo, e tem um lado do trabalho que é operacional. Quando você fala de simplificar essas tarefas operacionais, você está possibilitando um tempo maior para o docente se qualificar, inclusive, para ele poder ler mais, estudar mais, avaliar os alunos com pouco mais de qualidade. (P4).

Esse trecho sugere que a IA pode contribuir para a reorganização do trabalho docente, liberando tempo para atividades de maior complexidade pedagógica, como planejamento, estudo, avaliação e acompanhamento dos estudantes.

Entretanto, as falas também revelam preocupações importantes. O principal risco apontado pelos participantes refere-se ao uso acrítico da tecnologia, especialmente quando ela substitui o esforço intelectual. P2 sintetiza essa preocupação ao afirmar:

Se ele só ficar copiando e colando, né? A gente pode ter, sei que esses jovens experimentem processos de atrofia mental, né? Igual uma pessoa idosa, que não usa mais já tanto o cérebro. A gente pode ter jovens que se acostumaram a não usar mais o cérebro (P2).

Essa fala evidencia o receio de que a IA seja utilizada como atalho cognitivo, reduzindo o envolvimento ativo dos estudantes com a leitura, a escrita, a pesquisa e a elaboração própria. Além disso, os participantes mencionam riscos relacionados à dependência tecnológica, à superficialidade da aprendizagem, ao plágio e à confiabilidade das informações produzidas pelas ferramentas.

De modo geral, os resultados dessa categoria indicam que a IA é percebida pelos docentes como uma ferramenta promissora, mas seu uso é condicionado à presença de orientação, senso crítico e responsabilidade. O limite central identificado não está na tecnologia em si, mas na forma como professores e estudantes se apropriam dela no processo educativo.

4.2. IA, prática pedagógica e mediação docente

A categoria IA, Prática Pedagógica e Mediação Docente reuniu 60 citações relacionadas à inserção da Inteligência Artificial no trabalho pedagógico. Durante a codificação, essa categoria foi desdobrada em duas subcategorias: Mediação Pedagógica e Formação para o Uso de IA, com 29 ocorrências, e Uso da IA na Prática Docente, com 31 ocorrências. Todos os participantes contribuíram com falas nas duas subcategorias, o que indica a transversalidade do tema nas entrevistas.

Na subcategoria Uso da IA na Prática Docente, os participantes mencionaram possibilidades relacionadas ao planejamento de aulas, elaboração de atividades, produção de questões, organização de conteúdos e criação de estratégias de estudo. A IA aparece, portanto, como recurso de apoio à prática pedagógica, capaz de ampliar possibilidades didáticas e favorecer novas formas de interação com o conhecimento.

Um aspecto relevante é que essa apropriação não ocorre apenas por iniciativa dos professores. Em algumas situações, os próprios estudantes apresentam usos da IA que passam a ser incorporados ou ressignificados pelos docentes. Esse movimento aparece na fala de P2:

Tiveram alunos que chegaram e me falaram: ‘Ah, professor, sabe como que eu estou estudando para a sua prova? Eu estou pedindo ChatGPT para gerar questões a partir dos seus slides’. Aí eu falei: ‘Poxa, que legal, vou fazer isso também’. Então, acho que é uma troca interessante. (P2).

A fala evidencia uma dinâmica de aprendizagem compartilhada, na qual a tecnologia circula entre práticas docentes e discentes. Nesse caso, a IA não aparece apenas como ferramenta de planejamento do professor, mas também como recurso mobilizado pelos estudantes em suas estratégias de estudo.

Na subcategoria Mediação Pedagógica e Formação para o Uso de IA, as falas indicam que a simples presença da tecnologia não garante melhoria na aprendizagem. Ao contrário, seu uso exige orientação, definição de critérios, revisão crítica e formação adequada. Assim, os docentes não percebem a IA como substituta da ação pedagógica, mas como ferramenta cujo valor depende da intencionalidade do professor e da adequação aos objetivos educacionais.

Dessa forma, os resultados sugerem que a IA pode apoiar e reorganizar práticas pedagógicas, desde que seja mediada de forma crítica. O professor permanece como agente central no processo educativo, responsável por orientar os estudantes, contextualizar os usos da tecnologia, avaliar seus limites e transformar a ferramenta em recurso efetivamente formativo.

4.3. Uso da IA pelos estudantes e impactos na aprendizagem

A categoria Uso da IA pelos Estudantes e Impactos na Aprendizagem reuniu 42 citações e contou com contribuições de todos os participantes. As falas revelam uma percepção ambivalente: a IA é reconhecida como recurso de apoio aos estudos e à autonomia discente, mas também é associada a riscos de uso acrítico, plágio, superficialidade e fragilização de competências básicas.

Um dos aspectos recorrentes refere-se ao uso da IA como atalho para a realização de tarefas escolares. P1 observa que práticas como copiar e colar já existiam antes da IA, mas podem ser intensificadas por ela:

Então, você manda um trabalho pra casa, o cara entra no Google, pega um trabalho que já está pronto, copia e cola e te entrega. Então, isso sempre aconteceu, isso não é novidade, plágio existe aí. Então, se essa educação for dada, a inteligência artificial vai ser utilizada do mesmo jeito, esse que é o problema. (P1).

A fala sugere que o problema não está apenas na ferramenta, mas no modo como ela é apropriada pelos estudantes. Nesse sentido, a IA pode potencializar práticas já existentes de entrega formal de atividades sem elaboração própria.

Essa preocupação também aparece na fala de P6, ao relacionar o uso da IA ao cumprimento da tarefa sem aprendizagem efetiva: *“Muitos alunos recorrem à IA para refazer listas: fazem a lista com a ajuda da IA, entregam e ganham pontos, mas não aprendem... e isso aparece nas provas.”* (P6)

O trecho evidencia uma das tensões centrais identificadas nas entrevistas: a IA pode produzir aparência de desempenho, mas não necessariamente aprendizagem. O estudante pode entregar a atividade, cumprir a exigência avaliativa e obter pontuação, sem desenvolver os conhecimentos esperados.

Outro eixo relevante diz respeito à substituição do esforço cognitivo pela dependência da ferramenta. P4 afirma: *“Isso dá condição de a gente usar a IA como ferramenta. No caso dos estudantes, que às vezes eu sinto que podem estar atropelando esses processos de formação anteriores, a IA virou substituto”*. (P4)

A fala indica que o uso pedagógico da IA depende da existência de competências prévias, como leitura, escrita, interpretação, raciocínio lógico e capacidade de formular problemas. Quando essas bases ainda não estão consolidadas, a ferramenta pode antecipar etapas formativas e comprometer a aprendizagem.

Apesar dessas preocupações, as falas não indicam rejeição absoluta ao uso da IA pelos estudantes. Há também o reconhecimento de que a tecnologia pode favorecer experiências de aprendizagem personalizadas e ampliar a autonomia, desde que utilizada com criticidade. P2 sintetiza essa ambivalência ao afirmar:

Pode tanto gerar uma atrofia mental, como pode gerar uma experiência de aprendizado totalmente personalizada, de alta disponibilidade, e que pode levar esse aluno a cada vez a lugares mais altos, mais relevantes. (P2).

De modo geral, os docentes percebem o uso da IA pelos estudantes como fenômeno complexo, marcado por riscos e possibilidades. A aprendizagem tende a ser prejudicada quando a IA é utilizada como substituta do esforço intelectual; porém, pode ser potencializada quando incorporada como apoio à investigação, à revisão, à criação e ao aprofundamento do conhecimento.

4.4. Questões éticas e desafios da IA na educação

A categoria Questões Éticas e Condições de Implementação reuniu 38 citações relacionadas aos dilemas éticos, pedagógicos e institucionais envolvidos na inserção da IA na educação. Essa categoria foi desdobrada em duas subcategorias: Questões Éticas no Uso da IA, com 31 ocorrências, e Condições Institucionais de Implementação, com 13 ocorrências. Como uma mesma fala pode ter sido associada a mais de uma subcategoria, a soma das ocorrências não corresponde ao total da categoria principal.

Na subcategoria Questões Éticas no Uso da IA, os participantes destacaram preocupações relacionadas ao plágio, à autoria, à confiabilidade das informações, aos direitos autorais, ao uso de dados, à desinformação e aos impactos sociais da tecnologia. P2 chama atenção para os riscos de trabalhos produzidos por IA sem envolvimento efetivo do estudante:

Problemas éticos graves das pessoas fazendo essa espécie de plágio de um trabalho sendo gerado por uma inteligência artificial sem que o ser humano tenha exercido um papel forte naquela construção. (P2).

A fala evidencia que a questão ética está diretamente ligada ao processo de aprendizagem. O problema não se limita à entrega de uma atividade gerada por IA, mas à ausência de participação intelectual do estudante na construção do conhecimento.

P4 amplia essa discussão ao relacionar a IA a questões sociais, informacionais, trabalhistas e ambientais:

Você tem, a IA, você tem questões relacionadas a direitos autorais, rastreamento das fontes, a fake news, a desinformação, até o próprio processo de treinamento das inteligências artificiais que utilizam mão de obra precarizada. A própria questão ambiental eu acho que é um limite ético também da IA. (P4).

Essa fala é particularmente relevante porque desloca a discussão para além da sala de aula. A IA passa a ser percebida como fenômeno social, político, econômico e ambiental, exigindo uma análise que ultrapasse o uso instrumental da ferramenta. Nesse sentido, os docentes demonstram preocupação com dimensões que nem sempre são visíveis no uso cotidiano da tecnologia, como o treinamento dos modelos, a origem dos dados e os efeitos ambientais associados ao processamento computacional.

A questão dos dados e da exposição dos usuários também aparece como preocupação recorrente. P4 destaca a vulnerabilidade dos sujeitos diante da coleta, do armazenamento e do cruzamento de informações:

A gente não sabe que tá produzindo aqueles dados, a gente não sabe o uso que tá sendo feito daqueles dados, o armazenamento daqueles dados. Eu acho que o cidadão, ele tá muito vulnerável, tá muito exposto. (P4).

A fala aponta para a necessidade de discutir privacidade, transparência e governança de dados no ambiente educacional. O uso da IA, nesse sentido, não pode ser reduzido à facilidade de acesso ou à eficiência da ferramenta, pois envolve riscos associados à circulação e ao tratamento de informações pessoais.

Na subcategoria Condições Institucionais de Implementação, as falas evidenciam que a adoção da IA no contexto escolar depende de condições objetivas. Os participantes mencionam infraestrutura, acesso a equipamentos, formação docente e existência de diretrizes institucionais. P1, por exemplo, destaca a necessidade de recursos materiais adequados:

Eu teria que ter um ambiente com os computadores ou que tivesse uns laptops para eles usarem, ou uns iPads, seja o que for, porque o telefone também não é mais permitido na instituição. (P1).

Essa fala revela que a implementação da IA não depende apenas da vontade individual do professor. Ela exige condições institucionais mínimas para que o uso pedagógico ocorra de forma planejada, equitativa e compatível com as normas escolares.

P2 também chama atenção para as desigualdades estruturais que atravessam o sistema educacional: *“A gente vem de um contexto onde o ensino é oferecido com muita desigualdade. Então, existem alguns tipos de escola, pode faltar o básico, como condições físicas, um prédio confortável.”* (P2)

Esse trecho reforça que a discussão sobre IA na educação deve considerar as assimetrias de acesso e as desigualdades entre instituições. A ausência de infraestrutura adequada pode transformar a IA em mais um fator de aprofundamento das desigualdades, em vez de funcionar como recurso de democratização do conhecimento.

Além da infraestrutura, os docentes destacam a necessidade de formação para o uso responsável da IA. P6 afirma: *“A educação para uso responsável da ferramenta é negligenciada em muitos lugares; precisamos de mais formação.”* (P6)

Essa fala sintetiza uma das principais demandas identificadas na categoria: a implementação da IA deve ser acompanhada por processos formativos. Não basta disponibilizar ferramentas; é necessário formar professores e estudantes para utilizá-las de modo crítico, ético e pedagogicamente orientado.

A ausência de orientações institucionais também aparece como um ponto sensível. P5 relata situações de uso indevido da IA e destaca a falta de diretrizes claras:

Tem casos de aluno ter feito redação pelo ChatGPT, ter resolvido listas de matemática no ChatGPT e outros trabalhos que eram pra ter sido produzido pelos alunos e foi produzido pela IA, e eu acho que em termos institucionais, a gente não tem nada ainda [...] que nos oriente o que fazer. (P5).

P5 evidencia a insegurança docente diante de situações em que os critérios tradicionais de autoria, avaliação e responsabilização tornam-se insuficientes. Assim, os participantes apontam para a necessidade de políticas institucionais, formação docente e orientação aos estudantes para o uso crítico e responsável da IA.

Os resultados dessa categoria indicam que a adoção da IA na educação envolve tanto dilemas éticos quanto desafios organizacionais. O uso responsável da tecnologia depende da articulação entre formação, infraestrutura, mediação pedagógica, regulamentação institucional e compromisso com a aprendizagem.

4.5. Trajetórias de familiaridade tecnológica

A categoria Trajetórias de Familiaridade Tecnológica dos Docentes reuniu 16 citações e teve caráter complementar na análise. As falas indicam trajetórias heterogêneas de aproximação dos participantes com tecnologias digitais e ferramentas de IA, envolvendo desde contatos mais antigos com computadores até usos recentes de IA generativa. Embora os dados qualitativos não permitam estabelecer relação direta entre familiaridade tecnológica e aceitação da IA, sugerem que experiências prévias com recursos digitais podem influenciar a forma como os docentes interpretam, experimentam ou resistem ao uso dessas ferramentas. Assim, essa categoria contribuiu para contextualizar as diferentes percepções manifestadas pelos participantes ao longo das entrevistas.

4.6. Falas preditivas e perspectivas futuras

A categoria Falas Preditivas Marcantes reuniu 8 citações, provenientes dos participantes P2, P5 e P6. Diferentemente das demais categorias, nem todos os entrevistados apresentaram falas associadas a esse eixo, o que indica seu caráter mais específico e complementar. Ainda assim, as falas identificadas possuem relevância analítica por expressarem projeções, alertas e expectativas sobre os efeitos futuros da IA na educação e no mundo do trabalho.

Um dos aspectos mais marcantes aparece nas falas de P2, ao relacionar o domínio da IA às exigências do mundo do trabalho. Para o participante, o risco não está necessariamente na substituição direta dos sujeitos pela tecnologia, mas na substituição por pessoas capazes de utilizar melhor essas ferramentas. Essa percepção fica evidente quando afirma: *“eles não serão substituídos por IA, mas eles serão substituídos por alguém que usa IA melhor que eles”* (P2).

Essa fala expressa uma visão prospectiva sobre a IA como competência estratégica para a inserção social e profissional dos estudantes. O foco da preocupação desloca-se, portanto, da oposição entre humano e máquina para a diferença entre sujeitos que sabem ou não utilizar criticamente os recursos tecnológicos disponíveis. Nessa perspectiva, a escola passa a ser desafiada a preparar os estudantes não apenas para conhecerem a IA, mas para utilizá-la com discernimento, criatividade e responsabilidade.

No campo educacional, P5 chama atenção para a necessidade de adaptação progressiva de professores e estudantes diante de uma realidade que já se encontra em curso. O participante afirma:

Eu acho que tá todo mundo ainda aprendendo como funcionar e criar uma sistematização, pra que não fique também assim, vocês soltos e a gente também atrasados, porque não tem como fugir do uso de IAs. (P5).

A fala evidencia que a incorporação da IA é disruptiva e ainda ocorre em um cenário de aprendizagem institucional, no qual docentes e discentes buscam compreender limites, possibilidades e formas adequadas de uso.

Esse trecho também revela uma preocupação com a ausência de sistematização. Ao mencionar que os estudantes não podem ficar “soltos” e os professores “atrasados”, P5 aponta para a necessidade de orientação, acompanhamento e definição de critérios para o uso da IA no contexto escolar. Assim, a fala sugere que a presença da tecnologia exige uma reorganização das práticas pedagógicas e institucionais, evitando tanto a proibição absoluta quanto o uso desregulado.

P6, por sua vez, sintetiza a percepção de que a IA já está incorporada à vida cotidiana e exigirá adequações institucionais:

A inteligência artificial não vai deixar de existir — já está presente em nossas casas, carros, indústria e educação. Todos precisarão se adequar. É preciso haver reuniões, colegiados, workshops para discutir políticas de uso, evitar cola e ajustar avaliações. Uma ferramenta mal utilizada vira uma arma; com cuidado, é uma alavanca poderosa (P6).

Essa fala articula três dimensões centrais da análise: a inevitabilidade da presença da IA, a necessidade de organização institucional e a ambivalência da tecnologia. A IA pode representar risco quando utilizada sem orientação, mas também pode se constituir como recurso potente quando inserida em práticas pedagógicas críticas e responsáveis.

De modo geral, as falas preditivas reforçam que o desafio educacional não consiste em ignorar ou impedir a presença da IA, mas em construir condições pedagógicas, éticas e institucionais para seu uso adequado. A questão central, portanto, não é apenas se a IA será utilizada, mas como será utilizada, por quem, com quais critérios e com quais consequências para a aprendizagem e para a formação dos estudantes.

5. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar as percepções de docentes de um Instituto Federal acerca do uso da Inteligência Artificial na educação, considerando suas potencialidades, limites, implicações éticas e impactos no processo de ensino-aprendizagem. A partir da análise de conteúdo temática das entrevistas, foi possível identificar que as percepções docentes não se organizam em torno de uma aceitação irrestrita ou de uma rejeição absoluta da IA, mas revelam uma compreensão ambivalente, crítica e condicionada às formas de uso, à mediação docente e às condições institucionais de implementação.

Os achados dialogam com o referencial teórico ao evidenciar que a inserção da IA no contexto educacional ocorre de modo gradual, desigual e atravessado por dúvidas, resistências e expectativas. Essa percepção aproxima-se das discussões apresentadas por Semesp (2024), Niskier (2024) e Kenski (2012), especialmente no que se refere às limitações estruturais, à necessidade de formação docente e às desigualdades que ainda marcam a apropriação pedagógica das tecnologias digitais.

No que se refere às potencialidades, os resultados corroboram a literatura ao indicar que a IA pode apoiar o planejamento docente, a elaboração de atividades, a organização de conteúdos, a personalização da aprendizagem e a ampliação da produtividade. Esses achados aproximam-se das contribuições de Pscheidt (2024) e Vicari et al. (2023), ao reforçarem que a IA pode atuar como ferramenta complementar ao trabalho docente, desde que utilizada de forma ética, responsável e articulada aos objetivos educacionais.

Entretanto, os dados também tensionam visões excessivamente otimistas sobre a tecnologia. As falas dos participantes evidenciaram preocupações com plágio, dependência tecnológica, uso acrítico, fragilização da autoria, superficialidade da aprendizagem, confiabilidade das informações e ausência de diretrizes institucionais. Nesse sentido, a tecnologia, por si só, não garante inovação pedagógica nem melhoria da aprendizagem, podendo inclusive reforçar práticas problemáticas quando utilizada como substituta do esforço intelectual dos estudantes.

Um dos principais achados do estudo refere-se à centralidade da mediação docente. Os participantes não percebem a IA como substituta do professor, mas como recurso cujo valor pedagógico depende da intencionalidade educativa, da orientação crítica, da validação das informações e da adequação ao contexto da turma. Assim, o professor permanece como agente fundamental para transformar a IA em instrumento formativo, e não apenas operacional.

Conclui-se que o uso da Inteligência Artificial na educação apresenta potencial para enriquecer práticas pedagógicas e ampliar possibilidades de aprendizagem, mas esse potencial não se realiza automaticamente. Ele depende de formação crítica, infraestrutura adequada, diretrizes institucionais, reflexão ética e mediação docente. Dessa forma, a questão central não é apenas incorporar ou rejeitar a IA, mas compreender como utilizá-la de modo responsável, crítico e alinhado aos objetivos educacionais.

Como limitação, destaca-se que a pesquisa foi realizada com número reduzido de participantes, vinculados a um único campus, o que não permite generalizações para outros contextos educacionais. Ainda assim, os resultados oferecem contribuições relevantes para compreender percepções docentes sobre a IA

e podem subsidiar discussões sobre formação docente, inovação pedagógica, práticas avaliativas e regulamentação institucional do uso dessas tecnologias.

Para estudos futuros, sugere-se ampliar o número de participantes, incluir estudantes como sujeitos da investigação e comparar percepções entre diferentes áreas do conhecimento, níveis de ensino e instituições. Também se recomenda investigar como políticas institucionais, programas de formação docente e novas práticas avaliativas podem favorecer o uso ético, crítico e pedagógico da Inteligência Artificial no contexto educacional.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 11. ed ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HAMILTON, Ilana. **Artificial Intelligence In Education: Teachers' Opinions On AI In The Classroom**. Disponível em: <<https://www.forbes.com/advisor/education/it-and-tech/artificial-intelligence-in-school/>>. Acesso em: 20 jun. 2026.

KANE, Gerald *et al.* **Tecnologia não é tudo: Entenda por que as pessoas são a verdadeira chave para a transformação digital do seu negócio**. 1. ed. São Paulo: Benvirá, 2020.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação E Tecnologias: O Novo Ritmo Da Informação**. [S.l.]: Papirus Editora, 2007.

NISKIER, Celso. **Educação mais inteligente: Como empoderar os professores, engajar os alunos e revolucionar a aprendizagem na era da Inteligência Artificial**. São Paulo, SP: Editora Gente, 2024.

PSCHEIDT, Allan. **Inteligência Artificial na sala de aula**. São Paulo, SP: Matrix Editora, 2024.

SEMESP, Instituto. **14º Mapa do Ensino Superior / 2024 – Instituto Semesp**. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/mapa/edicao-14/>>. Acesso em: 4 jun. 2026.

VICARI, Rosa Maria. **Inteligência Artificial na Educação Básica**. São Paulo, SP: Novatec Editora, 2023.